

Aspectos iniciais da trajetória literária de João Antônio

Initial aspects of the literary trajectory of João Antônio

Clara Ávila Ornellas

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Resumo: Este texto apresenta dados biobibliográficos sobre o início da trajetória literária de João Antônio desde sua infância até o lançamento de seu primeiro livro, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). Destacam-se as suas primeiras leituras, o convívio com o universo suburbano de São Paulo e os autores fundamentais na formação de seu universo de estético. A recepção de sua primeira obra é focalizada a partir dos posicionamentos de críticos publicados na imprensa. Um dos aspectos inéditos deste estudo é a constatação de que, na verdade, as primeiras divulgações de *Malagueta, Perus e Bacanaço* foram publicadas pelo próprio João Antônio, antes mesmo do lançamento da obra.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Crítica literária. João Antônio.

Abstract: This paper presents biobibliographical data on the early literary trajectory of João Antônio from his childhood to the release of his first book, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). From the first readings, beginning with the universe of suburban São Paulo and the authors that are the key to the formation of his aesthetic universe. The reception of his first work is focused from the positions of critics in the press. One of the new aspects of this study is the finding that, in fact, the first disclosures of *Malagueta, Perus e Bacanaço* were published by João Antônio himself, even before the launch of the book.

Keywords: Brazilian Literature. Literary criticism. João Antônio.

Introdução

João Antônio Ferreira Filho nasceu em 27 de janeiro de 1937 em São Paulo (faleceu em dia desconhecido do mês de outubro de 1996, no Rio de Janeiro¹), filho de João Antônio Ferreira – português transmuntano – e de Irene Gomes Ferreira – mulata carioca. O casal Ferreira, em busca de novas oportunidades de trabalho, muda-se do Rio de Janeiro para São Paulo, devido aos efeitos da crise econômica de 1929. A vida da família – depois de nove anos nasce outro filho, Virgínio Ferreira – sempre foi em torno do trabalho pesado. Irene foi operária de frigorífico durante 30 anos, além de cuidar dos afazeres domésticos; João Antônio pai atuou em diversas ocupações como motorista, operário, chegou a ser sócio de uma pedreira – única época de bonança para a família – mas acabou sendo vítima de um golpe por parte de outro sócio, o que o levou à ruína financeira. Por fim, abre um armazém onde trabalha até o fim da vida, sempre nas regiões suburbanas da capital paulista: Presidente Altino, Vila Anastácio, Morro da Geadá, Vila Pompeia etc.

O menino João Antônio cresce em torno da ambiência miserável que compunha a periferia paulistana, tendo como principal referência a figura do pai, homem de costumes e hábitos simples e, ao mesmo tempo, amante de orquídeas e músico. O filho quase chega a seguir o caminho musical do pai, aprendendo a tocar bandolim, mas o receio da mãe de que ele se tornasse boêmio o impede de praticar. De qualquer forma, a convivência com a ambiência musical em companhia de seu pai o tornará um grande apreciador da música popular brasileira.

Não podendo praticar a música, o pequeno João Antônio descobre uma nova forma de ver o mundo, através da leitura. A leitura obrigatória de jornais em voz alta, imposta pelo pai para verificar a aprendizagem escolar do filho, apurou seu ouvido à importância da sonoridade e do sentido das palavras. Semelhante experiência gerou seu interesse pela relação entre significante e significado, o que pode ser entendido quando, ao ler as histórias infantis do personagem Brucutu, imaginava que se a palavra monstro fosse substituída por “monostro” teria um sentido mais robusto e aterrorizante, configurando de melhor maneira a ferocidade do pavoroso antagonista do personagem pré-histórico².

O exercício da escrita se iniciou ainda na pré-adolescência de João Antônio. Aos doze anos, ele começou a publicar textos na revista infantojuvenil *O Crisol*, de responsabilidade de Homero Mazarim Brum. Os textos publicados pelo autor paulistano versavam sobre efemérides como o Dia da Árvore ou homenagens a personalidades históricas³. Ao mesmo tempo em que essa experiência proporcionou o desabrochar do autor na produção escrita exerceu também papel importante em sua

¹ O corpo do escritor foi encontrado no apartamento onde morava, em Copacabana, já em adiantado estado de decomposição, no dia 30 de outubro de 1996.

² Conforme entrevista de João Antônio para José Silva, “Da encabulação ao desacato”. *Jornal Opção*, Goiânia, 5 a 11 nov 1995, p. c-1.

³ No Acervo João Antônio (Unesp/Assis) há vinte e três números da revista *O Crisol*, abrangendo o período de 1949 a 1961, sendo que o nome do autor paulistano aparece em nove desses volumes.

descoberta do universo literário. Como pagamento pela contribuição à revista *O Crisol*, João Antônio recebia livros dentre os quais destaca as histórias de Esopo:

O livro que mais me marcou nesse período [de colaboração com *O Crisol*] foi ‘Esopo, o contador de histórias’, um livro de Ofélia e Nerval Fontes, editado pela Melhoramentos. O Esopo, aquele escravo frígio e tartamudo que conseguia, através de uma capacidade política de vida, sobreviver no meio daquele mundo sendo escravo, e que acaba conseguindo a liberdade, e que acaba, inclusive, tomando posições em defesa da liberdade e da justiça, e que por isso mesmo ele acaba jogado num abismo. Aquele cara mexeu muito não apenas com minha formação literária, mas também com a minha formação como gente. Eu sentia assim uma angústia da justiça. Eu achava uma sacanagem jogarem aquele homem num abismo. Hoje, talvez eu ache que não seja só o Esopo, mas foi por aí que eu desandei por esse negócio de literatura. (ACUIO et al, 1978, p. 1).

Nota-se que essa leitura de alguma forma assinalou a preferência temática pela margem social, ainda que inicial, do jovem leitor que perduraria até o final de sua vida profissional, tanto em suas produções literárias quanto jornalísticas. Um dos aspectos também relevantes a esse respeito relaciona-se à ambiência onde João Antônio cresceu. Sua convivência diária com seus vizinhos habitantes das regiões suburbanas onde morou – operários, desempregados, migrantes, imigrantes, mendigos, prostitutas, crianças mal-nutridas, todos circundados por situações econômicas limítrofes, muitas vezes limitados apenas à sobrevivência diária –, bem como os ensinamentos de seu pai quanto à importância de se respeitar a todos, independente de classe social ou etnia são fatores a serem considerados ao se pensar nas razões que o levaram a se interessar e se emocionar com as histórias contadas por um escravo vítima de injustiças. Mesmo que ainda inconsciente das razões que levam a condições de vida subumanas para muitas pessoas do ambiente onde vivia, vislumbra-se um jovem leitor em busca de respostas e saídas para as diferenças econômicas e sociais. E a figura de Esopo compreendia dois lados da marginalidade social e econômica observados pelo leitor habitante da periferia: a injustiça e a necessidade de esperteza diante de dificuldades para garantir a sobrevivência ou até mesmo a própria vida. Desta mesma relação de troca entre produção de texto e pagamento em livros, João Antônio teve acesso também a obras de outros escritores brasileiros como Monteiro Lobato e Viriato Correia.

Pouco depois desses contatos iniciais, o interesse crescente pela literatura leva o já adolescente João Antônio a buscar fontes de informações sobre livros, resenhas e críticas literárias publicadas em periódicos da época. Tornaram-se importantes referenciais para ele as revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra* e os suplementos culturais dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *O Estado de S. Paulo*. Dessa maneira, o nascente leitor voraz toma conhecimento de autores importantes, tanto já consagrados como estreados, do contexto literário do país.

Neste sentido, ressalta-se a leitura de contos que ele efetuou nesses periódicos e o surgimento de suas primeiras reflexões críticas sobre produções de qualidade ou não.

Futuramente, quando já escritor, João Antônio diria acreditar que esse seu grande interesse pela literatura se deveu, em parte, ao fato de que durante sua infância e adolescência ainda não havia televisão. Vivia-se a era do rádio, mas como este meio de comunicação não trazia imagens visuais, seu uso não levava à absorção completa do público. Portanto, não se convivia com o efeito nocivo de dependência que, para ele, configura as gerações pós-televisão: “[...] O período [início de sua formação intelectual] também foi determinante: não havia televisão, ir ao cinema era um grande acontecimento e o grande veículo de comunicação era o rádio. De modo que minha geração teve uma relação muito forte com os livros [...]” (RIBEIRO, 1986).

Nessa mesma época, João Antônio tem seu primeiro contato com a obra de Graciliano Ramos, através de um texto publicado por José Condé, na revista *O Cruzeiro* (1944), que lhe desperta grande interesse pela simplicidade com que este escritor tratava de assuntos de ordem pessoal, o que, para ele, causou assombro:

Mas quem me chamou mesmo atenção foi um depoimento que eu li do Graciliano Ramos. Isso foi anterior a 53. E nesse depoimento, o Graciliano dizia algumas coisas que me atordoaram muito. Ele dizia, por exemplo, que era um cara ateu e que adorava cachorros e que não sabia o número do colarinho, não sabia o número do sapato, não sabia comprar camisa, tinha cinco ternos todos iguais e todos estragados. Como é que o sujeito tinha a petulância de dizer um troço daquele. Aí, eu fui na biblioteca circulante da Lapa e descobri um livro de Graciliano [*Caetés*], assim por acaso. Então, aí eu percebi que a barca era outra, sabe, e comecei a ler aqueles negócios [...]. (ACUIO et al., 1978).

Em muitas de suas entrevistas, João Antônio estabelece seu contato com a obra de Graciliano Ramos como uma espécie de divisor de águas na sua formação intelectual. Aliás, a admiração por este autor o fez, inclusive, não conseguir se desprender da obra, carregando-a para onde quer que fosse. A escrita do autor alagoano se consolidou para ele como referência de qualidade ímpar, levando-o a tentar descobrir como um escritor poderia escrever tão bem. Para o jovem leitor, Graciliano deveria ter aprendido com alguém, mas com quem?

[...] É importante dizer o seguinte: o Graciliano Ramos representou uma marca muito grande pra mim, porque eu sempre me preocupei em descobrir como aquele cara escrevia tão bem. Com quem ele havia aprendido escrever tão bem? Porque eu sempre acreditei que aprendizado é um negócio que se faz escondido de todo mundo. Mas então, com o Graciliano,

eu disse: **esse cara aprendeu com alguém**. Então eu comecei a ir ver com quem ele tinha aprendido. E claro que ele tinha aprendido com os clássicos. Então comecei a ler muitos clássicos, e pegar os mestres portugueses, Antônio Vieira, Manoel Bernardes Fialho. Então fui descobrindo que esses caras fazem um espécie de armação, de estrutura, e depois o texto fica de pé. Fui descobrindo aos poucos e escrevendo... (ACUIO, 1978, p. 1) [destaque dos repórteres].

Assim, consolida-se uma nova fase da formação do universo de leitura para João Antônio que também lhe provoca o desejo intenso de conseguir escrever, a seu modo, tão bem quanto o escritor alagoano. A ampliação de sua trajetória de leitura, proporcionada através desse contato revelador, o leva diretamente à multiplicidade de criações artísticas, formas de composição e abordagens temáticas de autores portugueses e desencadeará, num futuro próximo, um processo ainda mais amplo. Se desperta seu interesse em conhecer outras vertentes literárias estrangeiras – como as literaturas russa, italiana, alemã, inglesa, norte-americana, espanhola entre outras, conforme pode ser atestado em sua biblioteca pessoal pertencente ao Acervo João Antônio (UNESP/Assis).

Paralelamente, sedimentar-se-ia também uma linhagem específica de leitura de autores brasileiros. O já estabelecido leitor voraz lê, na medida do possível, toda obra de literatura brasileira a que tem acesso, porém, com um critério de discernimento mais apurado. Ele elege uma vertente que o acompanhará até o final da vida, na qual se destacam nomes como os de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Lima Barreto, Guimarães Rosa e vários outros que viriam a compor sua biblioteca pessoal.

1 Primeiras repercussões

Conforme já enunciado, o primeiro exercício de escrita de João Antônio com vistas à publicação foram textos sobre efemérides para a revista *O Crisol*, quando tinha 12 anos. Durante a adolescência, além de se tornar um leitor voraz, passa a estudar de noite e trabalhar de dia, haja vista as difíceis condições financeiras de sua família. Trabalha como *office-boy* no frigorífico Anderson Clayton, na mesma época em que conhece a zona de meretrício e passa a frequentá-la assiduamente, tendo nesta uma fonte de ternura: “Gostava mesmo era da sinuca, de ficar ali por perto da Boca do Lixo, da ferrovia, no meio da malandragem, do mulherio, da confusão, da zorra. E fui indo assim, até ao fim da zona. Quando a zona fechou, perdi minha fonte de ternura” (QUINTELLA, 1975).

Não há dados claros sobre a formação profissional de João Antônio. Em suas entrevistas ele diz ter cursado a faculdade de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, porém, sem menção ao período. A experiência deste escritor como jornalista é sempre indicada a partir de seu emprego no *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, em

1964, após o lançamento de seu primeiro livro. Em alguns raros momentos ele afirma ter trabalhado na imprensa antes desta época, porém, também não se encontram referências claras a este respeito sobre em que veículos ele teria trabalhado, a não ser no jornal *Última Hora*, em São Paulo, onde conheceu Samuel Wainer “[...] Isso já foi na avenida da Luz, onde era a ‘Última Hora’ e o Samuel Wainer ainda estava solto. Eu sou cria, de certa forma, do Samuel [...]” (MATTEUCI, 1982, p. 18).

A produção literária de João Antônio é mais conhecida a partir de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, raramente se encontram referências em suas falas sobre publicações progressas. Na verdade, quando se refere ao início de sua trajetória literária, ele sempre fala sobre a origem de contos que foram publicados em sua primeira coletânea:

Ali por cinquenta e oito, fiz o conto Fújie, história de amor pela mulher do amigo, passada no ambiente nisei de São Paulo. Paixão e adultério com amizade no recheio e primeira pessoa como fio narrador. Mande o conto para o Concurso Permanente de Contos, então em curso em ‘A Cigarra’. Ganhei excelente apreciação de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Rónai, donos do comitê de julgamento. Mas o conto não foi publicado por motivo de ser uma revista de natureza familiar. Reclamei, por carta, uma publicação qualquer do conto, noutra revista ou em suplemento literário carioca. (“Da mesa de bilhar à máquina de escrever”, s/d).

Por outro lado, no Acervo João Antônio encontram-se produções jornalísticas e literárias do escritor anteriores a esse período relativo à publicação de textos que viriam a compor a coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Dentre esses casos, destacam-se o conto “Argemiro” (*Notícias de Hoje*, 8 dez 1957) e a crônica “Conto alegre” (*Notícias de Hoje*, 15 dez 1957). A narrativa “Argemiro” possui traços semelhantes a alguns dos contos que compõem seu primeiro livro, como monólogo interior, utilização de gírias e descrição detalhada de ambiente. Diferencia-se, entretanto, em termos da classe social do protagonista – estudante de medicina – e tema – sofrimento íntimo em razão de preocupar-se com o relacionamento da irmã com um rapaz de caráter duvidoso. Já a crônica “Conto Alegre” é uma ficção inspirada na obra *Metamorfose*, de Kafka. O protagonista sente-se como um inseto e reflete sobre o cotidiano do escritório onde trabalha, observando particularmente seus colegas a datilografar mecanicamente. Este tipo de abordagem é bem diferente das narrativas do primeiro livro de João Antônio, mas releva seu exercício de escrita em desenvolvimento. Pouco tempo depois da publicação desta crônica, em 1958, seu estilo será modificado para um enfoque exclusivo nas angústias de personagens da zona de exclusão e o ambiente de suas narrativas se firmará no contexto das ruas ou lugares frequentados por malandros, prostitutas, jogadores de sinuca, subempregados, entre outros seres representativos do submundo brasileiro.

As ocupações profissionais de João Antônio durante a década de 60 englobam basicamente jornalismo e publicidade. Conforme já foi dito, à época da publicação de sua primeira obra, e mesmo antes, ele trabalhava no jornal *Última Hora* – embora não haja dados claros sobre isso. Concomitantemente, atuava numa agência de publicidade chamada Petinatti Publicidade. Em 1964, o autor paulistano muda-se para o Rio de Janeiro para trabalhar no *Jornal do Brasil*. Três anos depois, volta para São Paulo e ingressa na editora Abril, na revista *Cláudia*. No segundo semestre de 1967, ele muda de segmento dentro da mesma editora e passa a trabalhar para a revista *Realidade*, onde pôde desenvolver com mais liberdade a interação entre os gêneros jornalístico e literário. Neste periódico, ele publica oito matérias sobre diversos e diferentes temas⁴.

No final do ano seguinte, ele retorna ao Rio de Janeiro, de onde se mudará apenas mais uma vez, para a cidade de Londrina no Paraná, onde residiu por apenas três meses em 1975, e depois permanecendo na capital fluminense até o fim de sua vida. Após deixar a revista *Realidade*, João Antônio passa a trabalhar na editora Bloch, ficando neste emprego até 1970. O escritor paulistano sai da Bloch por motivo de esgotamento nervoso e se interna no Sanatório da Tijuca, ficando neste hospital por dois meses. Este último dado encerra a trajetória profissional de João Antônio durante a década de 60.

2 *Malagueta, Perus e Bacanaço*

A primeira coletânea de textos de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, foi publicada em 1963. A obra subdivide-se em três grupos: Contos Gerais – “Busca”, “Afinação da arte de chutar tampinhas” e “Fujie” –, Caserna – “Retalhos de fome numa tarde de G. C.” e “Natal na cafua” – e Sinuca – “Frio”, “Visita”, “Meninão do caixote” e “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Na primeira parte, o enfoque é centralizado em personagens jovens, subempregados, moradores da periferia da capital paulistana. Nessas narrativas destaca-se a falta de adequação desses seres com o ambiente e a realidade onde vivem. O segundo segmento abrange textos sobre situações de conflito entre um soldado raso e seus superiores na ambiência de quartéis. Na terceira parte, as narrativas centram-se em diferentes contextos do universo da sinuca, infância (“Frio”), juventude (“Visita”) e adolescência (“Meninão do Caixote”). A terceira e última narrativa, “Malagueta, Perus e Bacanaço”, destaca as aventuras e desventuras de três jogadores de sinuca pelos salões de jogos de São Paulo.

Em síntese, trata-se de textos onde há uma representatividade singular do submundo paulistano, que possuem, entre outros predicados, uma linguagem fiel do universo humano focalizado, a interação de diferentes gêneros artísticos como música, poesia e cinema, além de descrições pormenorizadas dos espaços narrados.

⁴ “Este homem não brinca em serviço” (out. 1967), “Quem é o dedo duro” (jul. 1968), “Um dia no cais” (set. 1968), “A morte” (set. 1968), “Ela é o samba” (out. 1968), “É uma revolução” (nov. 1968), “O pequeno prêmio” (dez. 1968), “Agonia das gafeiras” (mar. 1969).

A utilização da técnica de monólogo interior, presente em vários momentos das narrativas, revela em profundidade a angústia dos personagens, configurando também momentos de intenso lirismo poético que desnudam a alma de seres em constante conflito com suas realidades.

A recepção desta obra pela crítica literária brasileira foi bastante positiva. Porém, ressalta-se que os primeiros textos foram publicados pelo próprio João Antônio, pouco antes do lançamento do livro. A primeira referência de que se tem conhecimento é o texto intitulado ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’, publicado no *Jornal do Commercio*, em 10 de fevereiro de 1963. Sob a forma de depoimento, o escritor paulistano aborda a questão do incêndio que destruiu os originais em 1960, como reescreveu a obra, a concepção da narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço” e os seus sentimentos de falta de comunicação com o mundo e falência em relação à sua vida profissional e sentimental: “[...] De transitoriedade e de insuficiência têm-me sido essas coisas do amor, da profissão e da família. A verdade é que não consigo comunicação. Nem o exterior comigo [...]” (ANTÔNIO, 1963, p. 4).

Boa parte do mesmo depoimento é publicada no dia seguinte, 11 de fevereiro de 1963, na coluna “Livros”, por Esdras Nascimento, no jornal *Tribuna da Imprensa*. Esta matéria, intitulada “História dos malandros de S. Paulo”, traz o seguinte olhar:

Dentro de dois meses, estará à venda **Malagueta, Perus e Bacanaço**, livro de estréia do contista João Antônio, de São Paulo, num lançamento da Editôra Civilização Brasileira.

Especialmente para esta coluna, João Antônio escreveu o texto abaixo, explicando o que é o seu livro e o que pensa em relação à literatura e à vida [...] (NASCIMENTO, 1963).

Seguido a esta introdução, o depoimento de João Antônio ocupa o restante da matéria, sem qualquer outro comentário do colunista. A única diferença em relação ao texto anterior é a supressão de algumas partes como a introdução e algumas referências sobre a sua descoberta da literatura e seu processo criativo. Novamente, é o próprio autor quem realiza as primeiras divulgações de seu livro de estréia, pois Esdras Nascimento apenas o apresenta brevemente. Os dois textos citados atestam que o autor já trabalhava na imprensa e isso deve ter facilitado essas divulgações antes do lançamento, em jornais de uma mesma cidade – Rio de Janeiro – e com datas tão próximas.

Após o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, surgem críticas de autores diferentes. Esdras Nascimento, em sua coluna no jornal *Tribuna da Imprensa*, transcreve dois textos do romancista Guildo Wilmar Sassi sobre a coletânea de João Antônio. Em “Os contos de João Antônio (1)”, publicado em 24 de junho de 1963, Sassi focaliza a narrativa que nomeia o livro destacando se tratar da história mais bem realizada do conjunto, apesar de afirmar que as demais são também de boa qualidade. O romancista comenta sobre os três personagens

principais e alude a outros paralelos. Os principais elementos ressaltados por Sassi são a sinuca e a linguagem:

João Antônio dono da noite paulistana, conhecedor da sua gente, leva o leitor juntamente com Malagueta, Perus e Bacanaço, a percorrer os diversos bairros onde a sinuca é a razão de viver de muitos, o catecismo único, o seu código de moral e de ética. A gíria funcional, trabalhada, caracterizando o malandro com todos os seus cacoete e manias, salientando os seus muitos vícios e também as suas virtudes (SASSI, 1963a).

No texto subsequente, “Os contos de João Antônio (2)”, de 25 de junho de 1963, publicado também na coluna de Esdras Nascimento, Sassi discute quais seriam as aproximações entre as escritas de João Antônio e Antônio de Alcântara Machado. Para o romancista, a única semelhança entre eles é o título – referindo-se a *Brás, Bexiga e Barra Funda* –, pois apesar dos dois escritores focalizarem São Paulo, os segmentos são diferentes. Alcântara Machado centrou-se nos descendentes de italianos e João Antônio na ambiência do submundo. Ambos foram felizes na captação da atmosfera da cidade, mas não se pode dizer que João Antônio seria um seguidor ou discípulo de Alcântara: “Será, talvez, quando muito, seu sucessor. Mas sucessor porque veio depois, porque nasceu depois, da mesma maneira pela qual Pedro II sucedeu Pedro I” (SASSI, 1963b).

Ainda do mesmo mês é o texto de Edna Savaget, ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’, publicado no *Diário de Notícias*, em 30 de junho de 1963. Para Savaget, a escrita de João Antônio o torna um autêntico representante do submundo e as narrativas de seu livro de estreia são “contos retirados do prosaísmo da vida, a vida claro-escuro em sombras e traços em negrita, sem as côres suaves com as quais, muitas das vezes, se deseja colorir a miséria e a tristeza. E por isso mesmo é mais bela, porque real, legítima, autêntica” (SAVAGET, 1963, p.2). A crítica mescla suas colocações com trechos de depoimento de João Antônio em que ele trata sobre questões como seus sentimentos sobre o ato de escrever, solidão, morte, alma, vida e literatura.

O texto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de João Alexandre Barbosa, publicado no *Jornal do Comércio* (Recife), em 17 de novembro de 1963⁵, apresenta considerações detidas sobre a elaboração dos textos da coletânea de João Antônio, destacando a apreensão singular do espaço, dos personagens e da linguagem realizada pelo autor. Para Barbosa, a melhor narrativa é “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Entre outros aspectos, o crítico afirma:

Com este conto, a meu ver, João Antônio vem muito cedo firmar-se entre o que existe de melhor na nossa ficção urbana.

⁵ Neste texto, utiliza-se a republicação desta matéria: BARBOSA, João Alexandre. Malagueta, Perus e Bacanaço. In: *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

Na linha de um Manuel Antônio de Almeida, de um Lima Barreto, de um Alcântara Machado, de um Mário de Andrade, de um Marques Rebelo, de um Gastão de Holanda. Nomes muito diferentes mas que são marcados por preocupações semelhantes: as vias de existência que podem oferecer as cidades com seu túmulo de lugares e gentes, embora vistas sob diversas perspectivas. (BARBOSA, 1980, p. 139).

Em “‘Malagueta, Perus e Bacanaço’: João Antônio recebe novos prêmios”, publicado aos 6 de dezembro de 1964, no jornal *Diário de São Paulo*, Helle Alves destaca a então recente premiação do livro com dois Jabutis – autor revelação e melhor livro de contos. Para a autora, João Antônio é um “escritor que conhece bem seu ofício, que traça tipos com mãos de mestre, sua maior virtude reside no trato do tema. [...] Seu estilo pode-se dizer cinematográfico, porque é a própria cena em movimento que João Antônio transcreve para o papel” (ALVES, 1964, p. 3).

Em uma nota intitulada “João Antônio”, de Imanoel Caldas, publicada no *Jornal de Alagoas*⁶ em 9 de novembro de 1965, o colunista destaca trechos de uma carta que o autor escreveu para ele. Neste caso, é interessante atentar para a opinião de João Antônio sobre Dalton Trevisan: “Acho Dalton Trevisan o maior contista que possuímos atualmente. Nem Guimarães Rosa é tão contista quanto êle. Nem a Linspector [sic]. Nem Medaur. Dalton é apenas contista: e é só e é tudo. Um dos maiores artistas que nossas letras já possuíram [...]” (CALDAS, 1965).

Considera-se que uma das principais entrevistas de João Antônio durante a década de 60 foi “João Antônio: garra e nomadismo”, realizada por José Edson Gomes, em maio/junho de 1965 e publicada na revista *Leitura*. Gomes introduz a matéria aludindo às publicações de João Antônio – agora incluindo a narrativa “Paulinho Perna Torta” integrante da coletânea *Os dez mandamentos* (1965)⁷ – e expondo seu ponto de vista sobre o autor paulistano nos seguintes termos:

[...] João Antônio, apesar de muito jovem, figura com Dalton Trevisan, por exemplo, na linha de frente do moderno conto brasileiro. É dos que vieram para a literatura tendo o que dizer: e o faz de maneira responsável, consciente de que havendo todo um imenso caminho percorrido por antepassados (e coetâneos) notáveis – é necessário ir depois. (GOMES, 1965, p. 12).

⁶ Anteriormente, Imanoel Caldas publicou uma pequena nota sobre João Antônio, em 13 de junho de 1965, no mesmo jornal, no qual destaca as publicações do autor paulistano e, entre outros poucos aspectos, o denomina como “um dos melhores ficcionistas brasileiros contemporâneos”.

⁷ *Os dez mandamentos* foi uma coletânea publicada sob a direção de Ênio Silveira em que cada autor escreveu sobre um dos mandamentos religiosos, vistos sobre uma ótica diferenciada, compuseram esta antologia Jorge Amado, Marques Rebelo, Origines Lessa, José Conde, Campos de Carvalho, João Antônio, Guilherme de Figueiredo, Moacir C. Lopes e Helena Silveira.

A partir disso, inicia-se a entrevista. Em seis páginas, João Antônio fala sobre as razões de sua escolha pela literatura, sua experiência real com o universo do malandro – para ele não seria possível escrever sobre o que não se conhece – suas fontes de inspiração, a possibilidade de escrever romance, seus contatos com o teatro, seu ponto de vista sobre os novos escritores brasileiros, a necessidade de se considerar que todo homem tem raízes (“[...] O porteiro do hotel tem raízes, a prostituta, o nosso patrão, o nosso empregado, o empregado do vizinho, os nossos inimigos têm raízes, os mediócrs têm raízes também” (p. 44)), o casamento e a falta de liberdade da mulher e sobre sua mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro – que em muito teria sido provocada pela falta de referenciais como a “Boca do Lixo”, amigos da juventude e a necessidade de parar de trabalhar no ramo da publicidade. Nesta entrevista, ao ser perguntado sobre os escritores que o teriam influenciado, ele responde:

Inconscientemente todos os que li. Talvez a família de Dickens, Balzac e a grande literatura dos russos, especialmente Tchecov, Gorki, Gogol, Tolstoi, a lista seria imensa, não? Mário de Andrade, Graciliano Ramos. É gente grande demais para não influenciar. Agora, no rebolado da linguagem, meu... Parece-me que sofri mesmo a influência de gente mais miúda, cáftens e prostitutas, soldados e engraxates, malandrecos e policiais. Eles sempre me falaram numa linguagem viva, saborosa, muito mais inteligente que o português da escola e do dicionário, muitíssimo mais oportuna e simbólica, com grandes lances de transcendência e objetividade [...] (ANTÔNIO, 1965, p. 13).

A importância desta entrevista pode ser constatada, por exemplo, em dois textos publicados no *Jornal de Alagoas*, na coluna “Literatura”, de Imanoel Caldas: “João Antônio: contista virador – I” e “João Antônio: contista virador – II”, respectivamente de 23 de novembro de 1965 e 24 de novembro de 1965. Na verdade, em ambos os casos, Caldas reproduz trechos da entrevista realizada por José Edson Gomes. No primeiro texto, o colunista apresenta João Antônio, citando suas publicações e, antes de iniciar a reprodução da entrevista, salienta: “Único contista brasileiro a seguir, de perto, as pisadas de Dalton Trevisan. Isso se deve não só ao seu estilo, como à importância representada pela temática que abraçou. É o Zé Kéti da literatura brasileira” (CALDAS, 1965, 1965). Já no segundo texto, Caldas apenas registra que será dada continuação à reprodução da referida entrevista, sem qualquer outro tipo de acréscimo.

Na entrevista “A vida é para ser vivida e não explicada”, sem autor, publicada no jornal *News Sellers*, em 31 de junho de 1966, há uma introdução onde se destaca que João Antônio é: “redator do ‘Jornal do Brasil’, vivido, sofrido, admirado, João Antônio timbra pela consciência de ser coerente consigo mesmo: é um escritor. Suas respostas ao Q. BS⁸ atestam o teor de uma vivência, expressa

⁸ Questionário *Best-Seller*. *Best-seller* é o nome da coluna do jornal *News Sellers* dedicada à cultura.

através de seus contos” (“A vida é para ser vivida e não para ser explicada”, 31 mar 1966). São tratados temas como arte, liberdade, cultura em São Paulo, a visão do entrevistado sobre o homem, a mulher e os amigos. A última pergunta versa sobre qual seria o lema de João Antônio, a qual ele responde: “A vida é para ser vivida e não explicada” (Idem, p. 6).

O texto intitulado “João Antônio, ou a hora e a vez do anti-herói”, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 5 de outubro de 1968, inicia com a apresentação de dados biográficos e editoriais de João Antônio para, em seguida, focalizar uma entrevista com o autor. Nesta ocasião, o escritor paulistano trata do texto “Um dia no cais” – considerado por ele o primeiro conto-reportagem brasileiro (publicado pela primeira vez na revista *Realidade*, em setembro de 1968) – e da relação literatura e jornalismo. Ademais, destaca-se sua posição sobre a literatura urbana brasileira – que para o entrevistado ainda não existe.

Na mesma edição do referido jornal, há um texto de Nelly Novaes Coelho, intitulado “Malagueta, Perus e Bacanaço” (Fragmento). É um dos poucos momentos, dentre a fortuna crítica de João Antônio da década de 60, em que ocorre uma abordagem mais detida sobre a elaboração literária do escritor – à semelhança do que fez João Alexandre Barbosa em 1963. Coelho analisa o texto-título da coletânea centrando-se principalmente na apreensão humana realizada pelo autor no contexto adverso do submundo ao representar homens comuns que não são heróis, antes pelo contrário, circunscrevem-se ao universo do anti-herói e do pícaro. A crítica também discute a aproximação entre as escritas de João Antônio e Antônio de Alcântara Machado. Segundo ela:

[...] parece-nos que, a semelhança que possa haver entre os seus contos e os de A. Machado restringe-se unicamente ao material usado: a mesma zona urbana paulistana, o mesmo proletariado, o mesmo povo que atravança as ruas com os dramas cotidianos do asfalto.

A arte de João Antônio é só sua: não há aparentes dívidas para com ninguém. Usando sempre a narrativa em primeira pessoa (com exceção do conto que dá nome ao livro) o jovem contista imprime às suas personagens uma vivência que não soa ‘à literatura’: mas, sim, a flagrantes reais da própria vida, fixados por uma linguagem que só um poeta do cotidiano saberia criar. (COELHO, 1968, p. 7).

A exposição de alguns aspectos da recepção crítica da obra de estreia de João Antônio demonstra um consenso entre os críticos sobre as qualidades de sua coletânea, principalmente no que tange à aproximação singular do submundo paulistano, a humanidade desvelada em meio às dificuldades de sobrevivência e a linguagem cuidadosa que mescla, na medida certa, a gíria com a norma culta. Além disso, configura-se a literatura do autor como especialmente voltada para o universo

marginal, o que, na década seguinte – anos 70 – será explorado à exaustão pela imprensa.

Essa recepção positiva da primeira coletânea de João Antônio pode ser entendida, em certa medida, pelo contexto histórico brasileiro da época em que foi lançada. Havia um interesse crescente por registros estéticos que enfocassem a vida de personagens representantes da zona de exclusão – movimento iniciado ainda na década de 50 com o advento do Cinema Novo e do Teatro de Arena.

Atesta-se uma transformação na arte literária brasileira na década de 60. Os anos 50 caracterizam-se como uma das melhores fases da literatura do século XX por compreender, ao mesmo tempo, a releitura diferenciada do sertão por Guimarães Rosa, a escrita introspectiva de Clarice Lispector, a postura contestadora da realidade de Fernando Sabino, o enfoque intensivo dos contos de Dalton Trevisan, a inquietação experimental de Osman Lins, entre outros escritores que compuseram uma geração muito expressiva. Na verdade, todos partiam de uma releitura muito particular da realidade, agora não mais vista sob o viés do realismo da transcrição direta de dados reais para a literatura como ocorreu na transição dos séculos XIX para XX.

Essa produção literária marca a virada da década para os anos 60 e continuará a caracterizar a escrita dos autores mencionados, mas outra vertente também será explorada nesta época. Diversas camadas da zona de exclusão ou do operariado pobre urbano começam a ter voz no espaço literário, numa acepção mais próxima da realidade vivenciada por esses segmentos. É caso das obras *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, diário de uma catadora de papéis favelada, o mundo marginalizado focalizado por Dalton Trevisan em *Cemitério de Elefantes* (1964) ou a sordidez das relações entre homem e mulher em *Vampiro de Curitiba* (1965), *Os prisioneiros* (1963), de Rubem Fonseca que traz à tona a brutal violência urbana e da coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) e da narrativa “Paulinho Perna Torta” (1965), ambas de João Antônio, em que se representam aspectos do submundo paulistano. Um marco nesta perspectiva de abordagem será o teatro de Plínio Marcos que, em 1967, encena *Navalha na carne*, de cunho intensamente crítico sobre a marginalidade e os desvãos da sociedade brasileira.

Desta maneira, compreende-se o consenso comum entre os críticos sobre a importância do tema escolhido pelo autor paulistano em sua coletânea de estreia, mas como foi demonstrado, não apenas se ressaltou a pertinência de sua abordagem como também as particularidades de sua elaboração artística que trouxe para a cena literária da época uma apreensão ímpar do submundo, principalmente em relação à linguagem e à apreensão dos ambientes e dos personagens realizada por ele.

Destaca-se que grande parte das matérias comentadas busca diferenciar a escrita de João Antônio da de Antônio de Alcântara Machado, apesar de mencionar algumas correlações. Por outro lado, é interessante verificar a existência de comentários acerca de relações entre o escritor paulistano e Dalton Trevisan, no que concerne a referências a grandes contistas brasileiros.

São importantes também as colocações de João Antônio sobre escritores que o teriam influenciado, onde ele ressalta, entre os autores brasileiros, os nomes de

Mário de Andrade e Graciliano Ramos, lembrando de que se trata do momento inicial de sua trajetória como escritor. É interessante observar que apenas um crítico, João Alexandre Barbosa, correlaciona a escrita do autor paulistano com a produção de Mário de Andrade. Em relação a Graciliano Ramos, não se encontrou qualquer comentário que os aproximasse. Por outro lado, o nome de Lima Barreto é lembrado algumas vezes, mas de maneira tênue, o que também sofrerá grande modificação durante a década de 70, quando o nome de João Antônio será relacionado inúmeras vezes ao do autor carioca – muito em função do propósito do escritor paulistano que passará a enfocá-lo constantemente em suas entrevistas, além de publicar uma obra (*Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, 1977) e vários textos de jornais sobre Barreto.

Em suma, o escritor é configurado, e também se autodenomina, como um autor voltado para a representação do submundo brasileiro. Em suas entrevistas, e também segundo as colocações dos críticos, a apreensão da realidade e a necessidade de vivência sobre aquilo que escreve são condições primordiais da literatura deste autor. Observa-se também a sua preocupação com a transposição da linguagem real dos personagens do submundo por ele abordado – elemento ressaltado em quase todos os textos apresentados –, bem como a relevância de centrar-se no homem e em seu meio.

Referências

- ACUIO, Carlos et al. João Antônio – Olho no olho. *Diário Popular*, São Paulo, 26 de fev. 1978, p. 1.
- ALVES, Helle. Malagueta, Perus e Bacanaço: João Antônio recebe novos prêmios. *Diário de S. Paulo*. São Paulo, 6 dez. 1964.
- ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- ANTÔNIO, João. Malagueta, Perus e Bacanaço. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 10 fev. 1963.
- BARBOSA, João Alexandre. Malagueta, Perus e Bacanaço. In: *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- CALDAS, Imanuel. João Antônio. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 9 nov. 1965.
- CALDAS, Imanuel. João Antônio: contista virador I. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 23 de nov. 1965.
- COELHO, Nelly. Malagueta, Perus e Bacanaço (fragmento). *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 5 out. 1968.

DA MESA de bilhar à máquina de escrever. *O Globo*. Rio de Janeiro, s/d. (Pasta 24 do Acervo João Antônio).

GOMES, José. João Antônio, garra e nomadismo. *Leitura*. Rio de Janeiro, maio/jun. 1965.

MATTEUCI, H. et al. Apresentamos João Antônio, escritor, jornalista, e, acima de tudo, um pingente urbano. *Correio Popular*, [S.l.], 30 maio 1982.

NASCIMENTO, Esdras. História dos malandros de S. Paulo. *Tribuna da Imprensa*, 11 fev. 1963.

QUINTELLA, Ary. Uma super-entrevista com João Antônio. *A Tribuna*, Vitória, 20 mar. 1978.

RIBEIRO, F. 'No Brasil, viver sem estar bêbado é um porre'. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 dez. 1986, s/p.

SASSI, Guido. Os contos de João Antônio (1). In: Coluna "Livros" de Esdras Nascimento. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 24 jun. 1963a.

SASSI, Guido. Os contos de João Antônio (2) In: Coluna "Livros" de Esdras Nascimento. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 25 jun. 1963b.

SAVAGET, Edna. Malagueta, Perus e Bacanaço. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1963.

Recebido em 26 de janeiro de 2011.

Aceito em 15 de maio de 2011.

CLARA ÁVILA ORNELLAS

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, realiza pós-doutoramento no Departamento de Literatura da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Assis), sob incentivo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: ornellasclara@gmail.com.